Espaço de Fluxos
Diogo Evangelista

Espaço de Fluxos tem como mote central a figura do ser humano e explora ideias como invisibilidade e introspeção. O projecto configura-se como um organismo vivo, onde o conjunto de trabalhos, na sua maioria inéditos, cria um ambiente que absorve o público no seu interior através de diferentes estímulos sensoriais, criando uma experiência imersiva. O título é apropriado de um texto homónimo de Manuel Castells que descreve uma tipologia cultural de grande abstração e as suas interações dinâmicas com os media digitais. O conceito de 'espaço de fluxos' conceptualiza as configurações de espaço e tempo que se estabelecem sob o novo paradigma tecnológico, o qual, entre outras valências e características, permite interações síncronas à distância.

1) an individual note on images, sounds and technologies
impressão uv print sobre tela e resina acrílica, 2016

an individual note on image, sounds and technologies é uma *mise-en-abyme* que explora a matriz instável da tecnologia. O desequilíbrio da escala do CD ilumina a sua constituição compósita entre profecia e memória. A descrição do ciclo completo de uma vida espelha as propriedades meditativas da mandala.

2) Sem-título (Mão #1)
resina, lâmpada, aço, 2014

A escultura emite uma luz incandescente e hipnótica, sendo influenciada pela ideia-arquétipo de mão e pela utilização desta imagem por figuras como Bresson ou Orlac. É um objecto de puro plástico, poluente, um index da era do petróleo.

3) 84%
vídeo, 6', 2016

84% ficciona a actividade de um laboratório científico. O vídeo oscila entre diversas imagens de interiores numa gradação de pontos de vista entre o humano e o microscópico. Observamos a introdução em peixes de uma proteína fluorescente utilizada para visualizar a circulação sanguínea. O exterior aparece enquadrado por uma janela onde surgem os ecrãs de Times Square.

4) Volunteers
impressão uv sobre pvc, luz azul, 2016

Volunteers explora a depressão como um elemento transversal à sociedade contemporânea. O uso de psilocibina como terapêutica para a condição psicológica é substituído por um entendimento da conectividade cerebral como um evento sinestético entre abstração e cor.

5) Sem-título
motor, corrente e objecto encontrado, 2017

Sem-título é um retrato giratório que exibe e oculta o seu mecanismo. O jogo de sombras projecta uma viagem ao interior de uma mente e explora a complexidade psicológica do ser humano.

6) Roda Gira
performance, 2017

Roda Gira investiga a triangulação entre corpo, mecânica e o visível. A bicicleta é utilizada como gerador de imagens a partir de energia física, um interface entre corpo e mente organizado por um processo cíclico de movimento e imobilidade. Gestos repetitivos de concentração e esforço emitem espirais de luz que revelam variações do quotidiano.

7) Sem-título (Mãos)
vídeo, loop, 2017

Sem-título (mãos) propõe um momento de pausa e introspeção. O vídeo documenta duas mãos isoladas do seu corpo que descrevem uma série de movimentos. A suave regularidade da coreografia visual e sonora anima uma experiência próxima de um sonho lúcido.

Peixes luminosos desenham linhas aquáticas fluorescentes.

XXX retrata um nudibrânquio, uma sub-espécie de molusculo marinho conhecido devido às suas cores intensas utilizadas como camuflagem em recifes de coral.
A repetição invertida da imagem do animal indica uma investigação de conceitos como interdependência e simetria; a referência às profundezas marinhas uma alusão a estados meditativos.

Diogo Evangelista vive e trabalha em Lisboa. O seu trabalho reflete sobre o estatuto da imagem e o seu potencial como veículo contracultural. Tendo como ponto de partida materiais apropriados e de arquivo, produz narrativas não lineares e pontos de vista especulativos acerca do real.

Exposições recentes incluem: *Utopia/Dystopia* (MAAT, Lisboa, 2017), *The Eighth Climate (What Does Art Do?)* (11th Gwangju Biennale, 2016), *Matter Fictions* (Museu Colecção Berardo, Lisboa, 2016), *Hyperconnected* (5th Moscow International Biennale for Young Art, Moscovo, 2016), *Magician›s Right Hand*, (Futura, Praga, 2016) and *Hybridize or Disappear* (Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa, 2015). *As one hand touches the other (*Videoex, Zurique, 2015), *between the spider and the mind there is a hand – Outdoor I* (Warm, São Paulo, 2015), *Grotto-Heavens* (CAC, Vilnius, 2014), *BES Revelação* (Museu de Serralves, Porto, 2014), *The World of Interiors* (The Green Parrot, Barcelona, 2014).

Os projectos de João Laia exploram as relações entre estruturas sociais, tecnologia e representação. Recentemente apresentou *H Y P E R C O N N E C T E D* no MMOMA – Museu de Arte Moderna de Moscovo (2016), um projecto estratégico da 5ª Bienal de Arte Jovem e *Hybridize or Disappear* no MNAC – Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa, e Paços do Concelho, Porto (2015). Colaborou com instituições como o MAAT, em Lisboa, Videoex, em Zurique, Parque Lage, no Rio de Janeiro, Moderna Museet, em Estocolmo, DRAF – David Roberts Art Foundation, South London Gallery e Whitechapel Gallery, em Londres. É curador do festival Videobrasil, em São Paulo, e co-fundador do project space The Green Parrot, em Barcelona. Escreve regularmente para a revista Mousse e publicou em jornais e revistas como frieze, Spike Art Quarterly, Flash Art e Público.